



Violência obstétrica e o papel do enfermeiro sob a visão de acadêmicos de enfermagem

Gabriele Da Silva Araújo¹, 0009-0006-5671-6640
Flávia Dias Santos De Gouvea¹, 0009-0008-1343-0233
Matheus Nascimento Da Costa¹, 0009-0005-5571-8014
Renata Martins da Silva Pereira², 0000-0001-7642-6030

1 – UniFOA, Centro Universitário de Volta Redonda, Volta Redonda, RJ.

Gabisa094@gmail.com (contato principal)

2 - UniFOA, Centro Universitário de Volta Redonda, Volta Redonda, RJ. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, RJ.

Resumo: Este estudo trata do discurso de discentes de enfermagem de um Centro Universitário situado no interior do estado do Rio de Janeiro a respeito da violência obstétrica. Teve como objetivos: analisar o discurso de alunos da graduação em Enfermagem sobre seu conhecimento a respeito da violência obstétrica; apontar os principais tipos de violência obstétrica e discutir como os acadêmicos acreditam que possam contribuir para a prevenção da violência obstétrica, durante a formação e na atuação profissional futura. Trata-se de uma pesquisa descritiva de natureza quantiquantitativa realizada com acadêmicos de enfermagem do 4º e 5º anos da formação, em um Centro Universitário no interior do estado do Rio de Janeiro. Os dados foram coletados no primeiro semestre de 2023 mediante aplicação de um questionário eletrônico, produzido pelos próprios pesquisadores, via Google Forms, com roteiro de perguntas fechadas e abertas sobre o tema em questão. A pesquisa foi aprovada no comitê de ética do UniFOA sob Parecer n. 5.877.519. Participaram do estudo 61 acadêmicos, em sua maioria com idades entre 18 e 25 anos, do sexo feminino, cursando o 4º ano da graduação em Enfermagem, em sua maior parte conheciam o termo “violência obstétrica” e sabiam que a mesma é possível de ser evitada. As respostas permitiram formar as categorias: Desrespeito à liberdade e escolhas da parturiente; Violência física, moral e psicológica a parturiente; Enfermeiro como promotor de segurança e acolhimento à parturiente. Conclui-se que os acadêmicos conhecem o termo violência obstétrica, são capazes de classificar os tipos de violência obstétrica e entendem seu papel como educador para a conscientização da não violência no cenário do parto e como promotor da humanização do parto e dos direitos das parturientes.

Palavras-chave: Violência contra a mulher. Exposição à violência. Enfermagem. Estudantes de Enfermagem.





INTRODUÇÃO

Este estudo trata do discurso de discentes de Enfermagem de um Centro Universitário situado no interior do estado do Rio de Janeiro a respeito da violência obstétrica.

A violência obstétrica pode ser classificada em diversos tipos como física, sexual, verbal, psicológica e negligência da assistência. Alguns exemplos de violência são modo grosseiro ao falar, xingamentos, opressões, impedir o direito de acompanhante durante o parto, negar anestesia, administrar ocitocina sem necessidade, realizar o toque diversas vezes e sem o consentimento da mulher, lavagem intestinal durante o trabalho de parto, entre outros que estão presentes no serviço de saúde tanto privado quanto público. (MELO *et. al*, 2022)

O papel do profissional da enfermagem é reconhecido mundialmente por estar apto e mais acessível a prestar assistência à parturiente e ao bebê. O enfermeiro (a) obstetra atua destinando cuidados humanizados e respeitando os processos naturais e fisiológicos do corpo da parturiente, colaborando para diminuir os abusos contra a mulher durante o parto, evitando violências obstétricas como episiotomia sem necessidade e sem anestesia, administração de ocitocina sem necessidade comprovada, lavagem intestinal de rotina, realização de toques vaginais muitas vezes, impedir o contato pele a pele do bebê com a mãe após o parto. (SOUZA *et. al*, 2019)

Surgem com questões a investigar da pesquisa: - Qual o conhecimento de acadêmicos de enfermagem sobre violência obstétrica? Como acadêmicos de enfermagem percebem seu papel na prevenção da violência obstétrica, na formação e na futura atuação profissional?

Assim tem-se como objetivos da pesquisa: - Analisar o discurso de alunos de enfermagem sobre seu conhecimento a respeito da violência obstétrica; - Apontar os principais tipos de violência obstétrica citados por acadêmicos de enfermagem; - Discutir como os acadêmicos acreditam que possam contribuir para a prevenção da violência obstétrica, durante a formação e na atuação profissional futura.

MÉTODOS



Trata-se de uma pesquisa descritiva de natureza quantitativa realizada com 61 acadêmicos de enfermagem do 4º e 5º anos da formação, em um Centro Universitário no interior do estado do Rio de Janeiro.

Foram considerados como critérios de inclusão: ser acadêmico de enfermagem, estar cursando o 4º ou 5º ano da graduação, e aceitar participar da pesquisa voluntariamente. E como critério de exclusão não estar participando das aulas por motivo de doença ou outro afastamento.

Os dados foram coletados no primeiro semestre de 2023 mediante aplicação de um questionário eletrônico, produzido pelos próprios pesquisadores, via Google Forms, com roteiro de perguntas fechadas e abertas sobre o tema em questão. As perguntas do questionário foram sobre caracterização dos acadêmicos e ainda as perguntas a seguir: Para você, o que é violência obstétrica? Já conhecia esse termo? Você sabia que existem vários tipos de violência obstétrica? Você poderia citar alguns que você já conheça? É possível evitar a violência obstétrica? O que você acha que se encaixa como violência obstétrica? Como futuro profissional de enfermagem, pra você, qual é o papel do enfermeiro contra a violência obstétrica?

O projeto foi encaminhado ao comitê de ética em pesquisa da UniFOA para apreciação e aprovação, conforme Resolução 466/2012, que trata de pesquisas com seres humanos, e foi aprovado conforme Parecer n. 5.877.519.

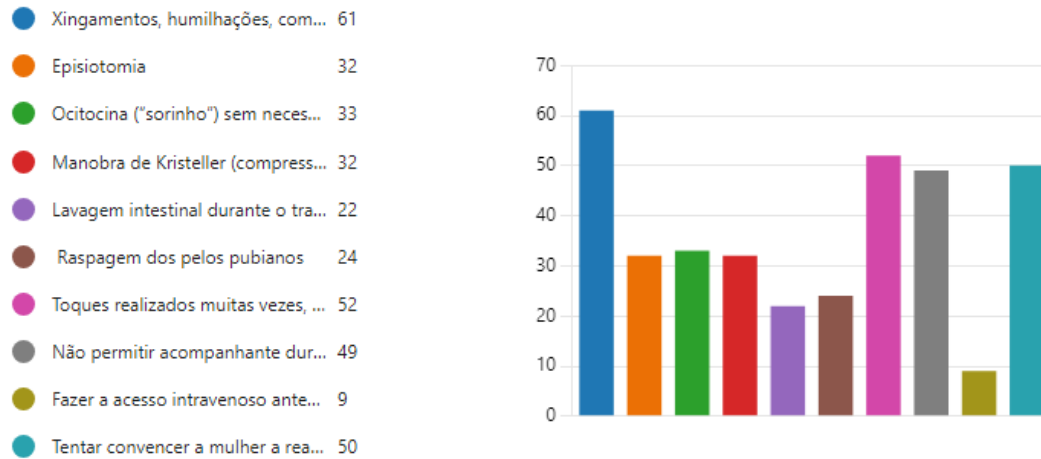
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo 61 acadêmicos, em sua maioria com idades entre 18 e 25 anos, do sexo feminino, cursando o 4º ano da graduação em Enfermagem, na sua maioria conheciam o termo “violência obstétrica” e sabiam que é a mesma é possível de ser evitada. A figura 1, abaixo, retrata as formas de violência obstétrica citadas pelos participantes, com destaque para a violência verbal e ações desnecessárias dos profissionais de saúde na condução do parto vaginal.





Figura 1 - Formas de violência obstétrica citadas pelos participantes do estudo. Volta Redonda, 2023.



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

As perguntas abertas do questionário permitiram formar as categorias abaixo, que foram descritas mediante as falas obtidas e transcritas para facilitar a compreensão das respostas categorizadas.

Categoria 1. Desrespeito à liberdade e escolhas da parturiente

Nesta categoria foi possível identificar que os futuros enfermeiros estão preocupados com a questão do desrespeito praticado nas maternidades durante o atendimento às parturientes. Os trechos transcritos abaixo, retratam o desrespeito à mulher como forma de violência obstétrica:

Violência obstétrica é quando qualquer pessoa tira o momento e desrespeita uma mulher em um dos momentos mais preciosos da vida dela (Acd 1)
Desrespeito à mulher durante a gestação e/ou parto (Acd 2)
Todo desrespeito a mulher, seja físico ou verbal, durante a gravidez, parto e pós-parto (Acd 9)
É o desrespeito a mulher a sua autonomia, ao seu corpo e aos seus processos reprodutivos, por meio de violência verbal, físico ou sexual (Acd 12)

O desrespeito à liberdade e escolha da parturiente e todo o desrespeito à mulher durante a gravidez, seja ele físico ou verbal, no pré-natal, no parto ou até mesmo no pós-parto, causando a perda de autonomia da gestante durante a gestação, como deixar a mulher de dieta, fazer lavagem intestinal, realizar toques contínuos sem comunicar a necessidade de tal procedimento, realizar episiotomia. A parturiente merece ter liberdade de escolher o melhor jeito para amenizar a dor e facilitar o



nascimento de seu filho, não há justificativa para restringir à mesma quanto a melhor forma que encontrou fisicamente para suportar a dor.

Violência obstétrica é quando qualquer pessoa tira o momento e desrespeita uma mulher em um dos momentos mais preciosos da vida dela. A violência no parto é uma realidade grave no Brasil, a pesquisa da Fundação Perseu Abramo aponta que uma em cada quatro mulheres declarou já ter sofrido violência no parto sendo elas: físicas, psicológica, institucional, sexual, material, midiática.

Assim, torna-se difícil para a parturiente identificar que no momento do parto poderá ser vítima de violência obstétrica, visto que nesse momento a única preocupação é com o filho, o ato violento pode ser visível logo após o parto ou um tempo depois e acompanhará a mulher pelo resto de sua vida. (NAZÁRIO, [s.d])

Portanto, além do direito intrínseco de liberdade e escolha atribuído a qualquer ser humano, o respeito e a consideração pelas escolhas da parturiente foi um dos pontos chaves da discussão.

Categoria 2. Violência física, moral e psicológica a parturiente

Aproximadamente 41% dos entrevistados citaram que a violência obstétrica é o ato contra a mulher parturiente antes, durante e após o parto, como violências físicas, psicológicas e/ou moral. Alguma das falas foram:

É uma agressão que pode ser física ou psicológica que os médicos obstetras fazem com as gestantes (Acd 57)

Agredir verbalmente a parturiente no parto, ou realizar manobras que atualmente são proibidas para forçar o nascimento do bebê (Acd 18)

Violência contra a mulher, praticada por profissionais de saúde (Acd 8)

Qualquer ato/ação que afete o psicológico ou físico da gestante no pré, durante ou pós o parto, praticada por profissionais da saúde. Falas preconceituosas ou atos desnecessários (Acd 13)

Para Azevedo (2015) a violência na atenção obstétrica refere-se a qualquer ação ou omissão, culposa ou não, praticada por profissionais da saúde durante o pré-natal, parto, puerpério e pós-natal, ou ainda em caso de abortos autorizados, que, violando o direito da mulher em ter assistência médica, resulte em abuso, maus tratos ou desrespeito à autoridade feminina sobre o próprio corpo ou à liberdade de escolha sobre o processo de reprodução que a mesma entende como o adequado.





Foi também apontado nos resultados da pesquisa o conhecimento dos acadêmicos diante do conceito de abuso realizado pelos profissionais durante o parto e alguns dos conceitos obtidos foram:

Qualquer procedimento que não seja consentido pela mulher no parto ou procedimentos que não precisam ser feitos (Acd 31)

Toda vez que o profissional usa do conhecimento que tem para realizar práticas violentas, abusivas ou sem o consentimento da paciente (Acd 37)

Qualquer ato que seja realizado durante o parto sem o consentimento e pré explicação a gestante (Acd 36)

E quando a paciente sofre situações contra a sua vontade e sem o seu consentimento (Acd 51)

As práticas abusivas são aquelas que ferem os direitos da mulher em ter um pré-natal, parto e pós-parto de qualidade e respeito, algumas dessas práticas são procedimentos que realizam no corpo da mulher sem o seu consentimento e aval, como a episiotomia, manobra de Kristeller, exames de toque invasivos, lavagem intestinal, cesariana sem consentimento informado, ruptura ou descolamento de membranas sem consentimento informado, imposição da posição supina para dar à luz, exames repetitivos dos mamilos sem esclarecimento e sem consentimento. (PARTO DO PRINCÍPIO, 2012).

Sendo assim, o que seria considerado como algo único e exclusivo, como um bom atendimento e acolhimento, deveria ser a menor das preocupações da parturiente, uma vez que a humanização do processo está diretamente envolvida com o procedimento como um todo.

Categoria 3. Enfermeiro como promotor de segurança e acolhimento a parturiente

A presença e o papel do enfermeiro durante o parto estão diretamente ligados à assistência quase que exclusiva da parturiente, práticas benéficas e a oferta de todo e qualquer método que seja viável e apropriado para a paciente e para seu bebê.

Como pode ser observado nas falas transcritas abaixo:

O papel do enfermeiro nesse caso é para dar o suporte necessário e acompanhar a paciente em todo o momento presente, além de auxiliar e averiguar os outros profissionais de forma que permaneça a integridade da mulher da melhor maneira possível sem expor a mesma sem necessidade (Acd 1)

O enfermeiro deve acolher e proteger a mulher, estando alerta a situações de violência e se manifestando sempre que perceber tais situações (Acd 2)





Está ali para acolher, sempre rever situação mostrando para a gestante suas opiniões e contra opinião (Acd 6)
Promover o bem-estar, o conforto da parturiente, promover o ambiente terapêutico (Acd 14)

Dar a vida a um indivíduo engloba fatores físicos, bioquímicos ou psicológicos e marca a vida de todos os envolvidos, que expressam expectativas, medos, dúvidas, incertezas, mas normalmente, a gestante é o elemento que mais passa por essas variações. Desde o início do período gravídico, a mulher sofre transformações em todo seu corpo e mente e, por isso, deve receber cuidado e respeito de todos à sua volta, não se excluindo aqui os profissionais de saúde. (NASCIMENTO, SOUZA *et. al*, 2022)

O processo de informação não foge da responsabilidade do enfermeiro em seu papel obstetra pois o modelo arcaico de parto, onde se caracteriza a violência obstétrica somente quando existe dano físico ou evidente, já não é a única forma de violência uma vez que os danos psicológicos como insegurança, medo e dúvidas dos seus direitos pode prejudicar a paciente em trabalho de parto.

CONCLUSÕES

O estudo permitiu concluir que os acadêmicos dos últimos anos de formação da graduação de Enfermagem conhecem o termo violência obstétrica, tendo propriedade em classificá-lo e descrever as formas de violência que compõem o termo geral.

Essa constatação permite inferir que serão capazes de atuar de forma humanizada nos cenários do parto, permitindo a vivência positiva das mulheres no momento de parir. Além da propriedade técnica e o conhecimento de caso para intervir e impedir a violência se caso se depararem com ela em seu ambiente de atuação profissional.

Conclui-se ainda que os futuros enfermeiros estão atentos às possíveis demandas das parturientes e entendem como primordial promover a segurança, o acolhimento e a ação de modo a garantir os direitos das mulheres, permitindo dessa forma a prevenção e controle da violência obstétrica em nosso meio.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Júlio Camargo de. **Precisamos falar sobre a violência obstétrica.** Conjur, 2015. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2015-mai-16/julio-azevedo-precisamos-falar-violencia-obstetrica>;





LANSKY, Sônia et al. Violência obstétrica: influência da Exposição Sentidos do Nascer na vivência das gestantes. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 8, p. 2811-2824, ago. 2019;

LIMA, Anne Caroline Amaral de; ALBUQUERQUE, Ricardo Tavares de. A Violência Moral Obstétrica No Processo Gestacional, De Parto E Abortamento E O Amparo Da Mulher No Ordenamento Jurídico Brasileiro. ACADEMIA BRASILEIRA DE DIREITO CIVIL, 2019;

MELO, Bruna. et al. Violência obstétrica à luz da Teoria da Diversidade e Universalidade do Cuidado Cultural. **Revista Cuidarte**. 2022;

NAZÁRIO, Larissa; HAMMARSTRON, Fátima Fagundes Barasuol. Os Direitos Da Parturiente Nos Casos De Violência Obstétrica. **XVII Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL**. [s.d.]. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2015/1%20-%20ARTIGOS/OS%20DIREITOS%20DA%20PARTURIENTE%20NOS%20CASOS%20DE%20VIOLENCIA%20OBSTETRICA.PDF>;

PARTO DO PRINCÍPIO. Parirás com dor. 2012. Disponível em: <https://www.senado.gov.br/comissoes/documentos/SSCEPI/DOC%20VCM%20367.pdf>;

SOUSA, M.P.V.; SANTOS, L.S.A.; CALDAS, G.R.F.; BATISTA, F.A.M.; LOPES DA SILVA, C.R. Violência obstétrica: fatores desencadeantes e medidas preventivas de enfermagem. **Revista Nursing**. 2021;

